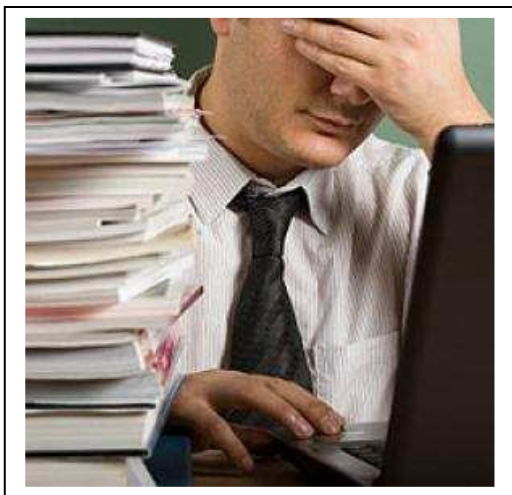


PASTOR EVANGÉLICO: LÍDER OU OPERÁRIO?



“E ele [Jesus] designou uns como apóstolos, outros como profetas, outros como evangelistas, e ainda outros como pastores e mestres, tendo em vista o aperfeiçoamento dos santos para a obra do ministério e para a edificação do corpo de Cristo.” (Efésios 4.11-12)

Desde que o mundo é mundo, nunca a figura pastoral foi tão criticada como em nossos dias. Por causa do péssimo exemplo dado pelos “profissionais da fé” – principalmente aqueles que ocupam exaustivamente a mídia televisiva – ser pastor nos dias atuais quase se tornou sinônimo de mau caratismo e manipulação do inconsciente coletivo de pessoas incultas.

Na contramão desses maus exemplos, ainda subsistem verdadeiros obreiros de Deus, chamados para serem pastores, *“não da parte de homens, nem por meio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos”* (cf. Gálatas 1.1). São pessoas que dedicam a vida para serem verdadeiros *“servos de Jesus Cristo”* (cf. Romanos 1.1; Judas 1.1).

Mas o que chama a atenção nos últimos tempos é a leitura que as igrejas evangélicas têm feito ultimamente da figura pastoral. Muitos cristãos – a maioria frequentadores assíduos em suas respectivas igrejas – entende que o pastor deve ser sisudo, de cara amarrada, que não pode se divertir, brincar com os filhos, rir da vida, assistir um bom filme, tirar férias, contar piadas, ouvir música, viajar com a esposa, gargalhar, jogar bola, e outras coisas mais. Para estes, o pastor deve ser alguém sem sorrisos na face, sem alegria, um tipo de escravo da igreja e deles mesmos, prontos para atendê-los como servos subservientes, sem direito contudo a fazer da vida uma grande celebração.

Por mais incrível que pareça, há um grande número de pessoas que consideram verdadeiro absurdo o pastor tirar férias. Houve quem dissesse: *“Férias pastorais? Ora, o diabo e os seus demônios não tiram férias e o pastor quer tirar? Sou contra.”*. Em determinada igreja evangélica, um dos diáconos disse ao pastor, durante o período de descanso do mesmo: *“Pastor, vamos aproveitar que o senhor está de férias e fazer uma visitinha?”*.

Lamentavelmente alguns evangélicos não conseguem distinguir a figura do pastor com a de um operário. Este tipo de gente acredita piamente que o pastor deve trabalhar o tempo todo sem direito a descanso, feriados ou lazer. No entendimento de certas pessoas, o pastor deve gastar todo o seu vigor visitando velhinhas ao final da tarde, paparicando marmanjos esquizofrênicos, além é claro de esmerar-se cotidianamente a resolver os problemas dos outros. E não é só isso. Para determinados

grupos de cristãos – principalmente aqueles que ocupam altos cargos na igreja e se gabam ao falar que são “dizimistas fiéis” – o trabalho do pastor envolve, dentre outras coisas, atuar na igreja como eletricitista, encanador, pedreiro, pintor, faxineiro, chofer, animador de festas etc.

Afinal, pastor evangélico é líder ou operário?

De acordo com os princípios normativos constantes na Palavra de Deus, “liderar”, do hebraico נָהַל (nāhā), significa “guiar alguém pelo caminho direito”; “conduzir com cuidado para longe das dificuldades (ser facilitador)”, cf. Gênesis 24.27; Salmo 6.8; Salmo 23.3. Do grego ὁδηγέω (hodgegēō), liderar significa “guiar no caminho”; “conduzir como fio condutor”. Literalmente, se refere a guiar o “cego” às fontes da água da vida, isto é, na verdade do Espírito Santo (cf. Mateus 2.6; 15.14).¹ Em outras palavras, liderar é a habilidade que alguém possui de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente visando atingir aos objetivos identificados como sendo para o bem comum. Essa liderança é exercida com autoridade, ou seja, com a habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal. Em contrapartida, de acordo com o Dicionário Houaiss, o operário é aquele indivíduo que, sob ordens de outrem e mediante salário, exerce um trabalho, especialmente manual ou mecânico.

Ao escrever para a Igreja em Éfeso, o apóstolo Paulo ensina que a função do pastor é “preparar os santos para a obra do ministério” – o ministério dos santos, desenvolvido pelos santos. Em suma, o pastor é um capacitador de pessoas a serviço do Reino de Deus.

Os líderes da igreja são chamados basicamente para um ministério de capacitação. Não se trata de uma ocupação secundária à pregação e ao aconselhamento, mas a razão de ser do pastor-mestre. Além disso, equipar os santos não significa aliciar os membros para que ajudem o pastor exercendo ministérios que lhe são delegados. Os santos deve ser equipados para o seu próprio ministério. O pastor não deve ficar tentando duplicar o ministério dele mesmo, mas liberar o deles.

Portanto, alguns membros de igrejas evangélicas precisam aprender que o pastor não é um “faz tudo” – ainda que a maioria da igreja o queira dessa forma. O pastor é alguém que, no início do processo de capacitação, ensina a fazer através do exemplo, para que depois disso, cada crente possa desenvolver o seu próprio dom, de forma que o *modus vivendi* da igreja não fique para sempre atrelado à presença contínua e permanente do pastor em quase todas as atividades da comunidade. Dessa forma, o pastor novamente terá liberdade para deixar de servir às mesas e se dedicar à oração e ao ministério da Palavra (cf. Atos 6.2, 4).

¹ VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.